

# A Holanda vai para a direita, de novo

Via [International Viewpoint](#)

Que o partido pró-negócio e secular do governo VVD (Partido Popular pela Liberdade e Democracia) possa mais uma vez se tornar o maior partido não é apenas o mérito individual de seu líder, o primeiro-ministro Mark Rutte. Seu resultado de 35 dos 150 assentos (um aumento de dois) mostra principalmente o quanto Rutte representa efetivamente sua combinação de economia neoliberal e de batida de peito holandesa. Em um mundo que está à deriva, o VVD e Rutte apresentam “A Holanda LTDA” como um investimento seguro. Pelo menos, desde que seja dirigida por pessoas que conheçam os truques do ofício. Assim, o VVD lucra tanto do nacionalismo crescente quanto do medo da mudança em um tempo incerto.

De acordo com pesquisas, o partido liberal centrista D66 retirou votos principalmente da esquerda, crescendo com quatro cadeiras para 23. Em primeiro lugar, tirou votos do Partido Verde, GroenLinks (GreenLeft). No resultado desastroso da esquerda, a perda de quase metade de GroenLinks (de 14 para 8 assentos) foi o maior fator. Mas o PvdA social-democrata e o SP de esquerda também perderam consideravelmente para o D66. O D66 é visto como uma barragem contra a crescente maré “populista”. O líder do partido D66, Sigrid Kaag, pode agradecer aos líderes de extrema-direita Thierry Baudet e Geert Wilders: a ameaça de sua agenda de extrema-direita poderia fazer com que o D66, um partido do governo e cúmplice do VVD, aparecesse como uma alternativa aos olhos de muitos progressistas. O D66 e o recém-chegado partido liberal pró-União Européia Volt, firmemente milionário, ganhou muitos dos votos que tinham ido para GroenLinks da última vez.

Em 2017, GroenLinks teve um sucesso extraordinário com uma

campanha que irradiava entusiasmo e idealismo. Entretanto, o líder do GroenLinks, Jesse Klaver, mostrou rapidamente que não queria ser um líder da oposição e que seu principal objetivo era participar do governo em cooperação com a direita. Em questões como clima e migração, GroenLinks e D66 eram praticamente indistinguíveis, deixando muitos eleitores de GroenLinks com poucos motivos para não votar logo no partido governista. Os eleitores que não puderam se resignar a isso foram para o Volt em grande parte. Apresentada de forma muito favorável por importantes meios de comunicação, a filial holandesa do Volt Europa entrou no parlamento com três cadeiras.

O PvdA só conseguiu manter seus nove assentos. Desde os anos 90, o movimento habitual do PvdA de iô-iô de retórica de esquerda na oposição, seguido de governo em coalizão com a direita, desapontamento e punição eleitoral, tornou-se cada vez mais extremo. Com um marketing inteligente e o argumento da “votação estratégica”, o PvdA conseguiu se recuperar várias vezes, mas em 2017 a sequência se rompeu. O PvdA perdeu 29 cadeiras – a mais pesada derrota eleitoral da história política holandesa. Este ano, a votação estratégica foi para o D66. Somente a base eleitoral do CDA democrata-cristão é mais antiga que a do PvdA.

A derrota do PvdA era esperada. Ainda assim, perder cinco dos 14 assentos foi um golpe mais duro do que muitos de seus ativistas haviam contado. Embora comparável em termos de assentos, uma diferença entre GroenLinks e SP é que, para este último, sua derrota eleitoral faz parte de um padrão mais longo e de estagnação e declínio. E enquanto o número de membros do GroenLinks aumentou, o do SP tem estado em declínio há cerca de uma década. A abordagem do SP de “conservador social e progressista econômico” não parece ser uma fórmula de sucesso eleitoral. O SP perdeu eleitores para o D66, GroenLinks, e parte de sua esquerda mais radical foi para o anti-capitalista BIJ1 (pronúncia holandesa: Juntos) Do outro

lado do espectro, nada menos que 8% dos votos para o Fórum para a Democracia (FvD) de extrema-direita de Thierry Baudet vieram de antigos partidários do SP. Ignorar questões “culturais” como o anti-racismo e o legado da Holanda passado colonial (e presente imperialista) em combinação com a insistência na vontade de compromisso (mesmo com o VVD) é muitas vezes defendida como um meio de manter “pessoas trabalhadoras iradas” longe da extrema-direita. Não parece funcionar.

O que ele tem um efeito é afastar os jovens esquerdistas. Recentemente, o SP rompeu com sua ala jovem R00D – principalmente por causa da oposição deste último à retórica do SP sobre a vontade de unir-se às coalizões com a direita, incluindo o VVD. Enquanto R00D ainda exige a permissão de voltar ao SP, e fez campanha pelo partido, a base eleitoral do SP é agora uma das mais antigas do país.

A verdadeira mudança se deu à direita. A extrema direita nunca foi tão grande. Seu carro-chefe ainda é Geert Wilders do Freedom Party (PVV). A prioridade do PVV é uma islamofobia sempre radicalizando. Este ano, o PVV fez campanha em uma plataforma que inclui a proibição do Corão, o fechamento de todas as mesquitas, uma parada completa da imigração dos “países islâmicos”, negando o direito de voto a centenas de milhares de cidadãos holandeses com dupla nacionalidade (muitas vezes turcos ou marroquinos), e estabelecendo um ramo do governo dedicado a “desislamizar” a sociedade holandesa. O PVV perdeu ligeiramente, passando de 20 para 17 assentos, o que o torna o terceiro maior partido. A ascensão da extrema-direita foi especialmente visível no norte do país. A extrema-direita já era forte no sul, mas o norte e o leste ainda eram os bastiões do PvdA. Agora estas províncias, também, seguem o padrão nacional.

O recém-chegado da extrema-direita Ja21 (uma divisão do Fvd) ganhou três assentos. Ja21 em particular lucrou com a atenção benevolente da mídia, usando o mesmo truque que inicialmente

fez o FvD ter sucesso ao se apresentar como a alternativa “decente” da extrema direita: sem os teóricos da conspiração e sem a demagogia “social” do PVV.

O crescimento constante da extrema-direita continua sendo um fenômeno internacional. Em parte porque há tão pouca oposição fundamental da esquerda, nem mesmo em resposta à política fracassada da coroa do ano passado. O FvD quadruplicou suas cadeiras, crescendo para oito. A FvD está pelo menos tão distante à direita quanto o PVV. E comparado com Wilders, o FvD apresenta uma ideologia mais coerente da extrema-direita, baseada em torno da supremacia branca e do darwinismo social. Ao contrário do PVV, que não tem organização associativa e depende muito de Geert Wilders e sua conta no Twitter, o FvD está construindo um aparato partidário que rapidamente reuniu dezenas de milhares de membros. O partido parecia estar próximo do colapso apenas alguns meses quando mensagens internas foram divulgadas, mostrando os membros do quadro fazendo declarações explícitas anti-semíticas e racistas. Sua recuperação e agora o crescimento tem sido notável.

O líder do FvD, Thierry Baudet, deu uma boa olhada no sucesso anterior de Geert Wilders; pode ser eleitoralmente gratificante defender obstinadamente as chamadas posições “impopulares”, tais como banalizar a epidemia. A grande maioria da população holandesa apoia medidas como lockdowns e até mesmo o toque de recolher. O FvD, entretanto, conseguiu reunir uma minoria que se opõe radicalmente a tais medidas, muitas vezes motivada por diferentes combinações de teorias de conspiração de extrema-direita. A Holanda não tem tido tanto racismo absoluto e anti-semitismo em seu parlamento desde a guerra.

Segundo comentaristas políticos profissionais, o radicalismo do PVV e do FvD significa que os dois partidos se “afastaram” porque não se qualificarão facilmente como parceiros para uma nova coalizão governamental. Para as pessoas que não sofrem com o estreitamento da visão profissional, é claro que a

extrema-direita, da oposição, continuará pressionando o PVV, estreitando as margens para o que é visto como uma alternativa viável, e assim influenciar a sociedade como um todo – não apenas por um período de gabinete, mas a longo prazo.

A fraqueza da esquerda (seu pior resultado em um século) vai claramente mais fundo do que uma campanha infeliz ou julgamentos errados por líderes individuais. A esquerda como quadro de referência para uma identidade política perdeu muito de seu poder. Novamente, os especialistas falam de um apelo declinante de ideologias como parte da explicação, mas isto não é muito convincente. Uma ideologia como o nacionalismo reina suprema. E qual é o intenso apego, e falsa esperança, à “Europa” (que significa: a União Européia) do D66 e agora do Volt, se não ideológico? As grandes narrativas voltaram claramente. Um dos grandes erros da esquerda holandesa no período que antecedeu esta eleição foi que, embora já estivesse em baixa nas urnas, ela não priorizou sua própria narrativa, mas enfatizou sua ânsia de entrar no governo.

Na mídia holandesa havia muito a ler sobre como, sob a pressão da epidemia e da próxima crise econômica, o clima havia se tornado mais “de esquerda” em termos sócio-econômicos. A idéia de que desta vez também os partidos de direita estavam assumindo posições de “esquerda” mostra, acima de tudo, o pouco significado desta palavra na Holanda. Um papel mais ativo para o Estado não é necessariamente de esquerda, e há pouca esquerda para fazer algo sobre a pobreza após anos de desigualdade crescente, enquanto, por exemplo, a KLM e similares ainda estão sendo priorizadas. Quase nenhum partido diz algo positivo sobre o neoliberalismo, mas os elementos básicos da política neoliberal ainda são tidos como garantidos. Mas, além do BIJ1, não há um partido parlamentar na Holanda que tome uma posição anti-capitalista. Mesmo do SP ouvimos apenas pedidos vagos de uma “política mais social” e de um “governo justo”. A esquerda não deve deixar que os liberais centristas como D66 e Volt escapem declarando-se a

alternativa social, internacionalista e até mesmo anti-racista.

O raio de esperança é a entrada no parlamento do BIJ1 com um assento. Este partido, fundado em 2016, combina um compromisso com o anti-racismo com uma plataforma anti-capitalista. Sua líder, Sylvana Simmons, é uma das poucas mulheres negras na política nacional holandesa e agora representará um radicalismo autodeterminado no cenário nacional. O público da BIJ1 é modesto, mas real, baseado principalmente nas grandes cidades do país. Na capital, Amsterdã, a única cidade onde já esteve presente no conselho municipal, seu voto dobrou. Aqui a BIJ1 foi a oposição de esquerda a um executivo que é uma coalizão dos três principais partidos de esquerda e D66. O grande desafio agora é consolidar o partido como uma força de oposição nacionalmente visível. Um tal BIJ1, com um papel ativo em diferentes movimentos sociais, beneficiará toda a esquerda. Para isso, precisamos trabalhar em conjunto com as pessoas que permanecem em GroenLinks e SP. A unidade, especialmente com os movimentos sociais que terão que ocupar um lugar central na resistência de esquerda no próximo período, será desesperadamente necessária.